



PATAGÔNIA

No extremo sul do Chile, navios como o Skorpios deixam os viajantes cara a cara com os glaciares sem que se abra mão do conforto

POR ANA LUÍSA VIEIRA

Séculos atrás, navegadores como Fernão de Magalhães e o evolucionista Charles Darwin se embrenharam no labirinto branco de blocos de gelo e glaciares que se estende pelo sul do Chile, formando a extensa e longínqua região da Patagônia. Por conta de feitos assim, esses exploradores são celebrados como corajosos, mas, hoje, o trajeto de navio entre tais paisagens indômitas está longe de ser sinônimo de aventura.

O caminho nessas águas geladas,

pontuadas aqui e ali por *icebergs*, já está na rota do turismo e é percorrido sem sacolejos por confortáveis embarcações. Os passeios até as geleiras também rolam sem maiores perrengues: são feitos com hora marcada e acompanhamento de guias o tempo todo – e se alguma intempérie climática ocorrer, a tripulação já organiza um plano B para garantir outro *tour* interessante aos passageiros. Não falta nem uma taça de um bom tinto chileno, ou um copo de uísque (que leva pedras de





gelo retirado dos glaciares) para “escoltar” a contemplação dessas paisagens esplendorosas, que podem ser vistas da própria janela da cabine.

RUMO À PATAGÔNIA

Um dos navios que fazem trajetos pela Patagônia é o Skorpios III, o terceiro de uma linhagem que, desde o fim dos anos de 1970, coloca turistas cara a cara com as vistosas geleiras da região. Enquanto os navios de cruzeiro tradicionais têm comprimento que

passa dos 300 metros e largura de cerca de 50 metros, as medidas do Skorpios III são modestas. Nos 70 metros de comprimento por 10 metros de largura estão distribuídos cinco decks com cabines de bom tamanho e dois salões com bar e restaurante, que servem comida, drinques e petiscos a qualquer hora, no sistema *all inclusive*. O fato de ser compacto não compromete em nada a comodidade dos cerca de 90 passageiros, já que o propósito é garantir

O Skorpios III é um dos navios que passam entre fiordes e glaciares da Patagônia Chilena





que o barco seja manobrado sem grandes dificuldades entre os canais estreitíssimos que levam aos glaciares, segurança que os navios gigantescos não proporcionariam e, por isso, nem fazem o trajeto.

Para perfazer a rota Kaweskar, com três noites a bordo, o Skorpios zarpa da cidadezinha de Puerto Natales, famosa por ser a base para explorar o Parque Nacional Torres del Paine, principal destino na Patagônia Chilena. Quem compra o cruzeiro pode adquirir uma noite adicional à rota marítima justamente para visitar a reserva. Nesse caso, o viajante se hospeda no próprio Skorpios, que fica atracado num píer, ou em um hotel da cidade.

AQUECIMENTO NO PARQUE

Embora o *tour* seja opcional e custe salgados US\$ 300, colocar a mão no bolso para passar o dia no parque vale, e como vale, a pena. Preenchido por campos verdes, lagos absurdamente azuis e por colossais montanhas de pico nevado, Torres del Paine é pródigo de paisagens arrebatadoras. O que se vê

no passeio, entretanto, é uma pequena amostra da imensidão do parque. São pouco mais de 45 km de caminhos percorridos dentro de uma reserva que se estende por 1.810 km². Há quem bote as pernas para percorrer parte dessas trilhas, mas, como a ideia do navio é sempre prover comodidade aos passageiros, os organizadores oferecem o trajeto no conforto de uma van, com paradas estratégicas para observações mais demoradas dos melhores cenários. Só esteja preparado para o frio: o vento forte faz tiritar os dentes mesmo no verão.

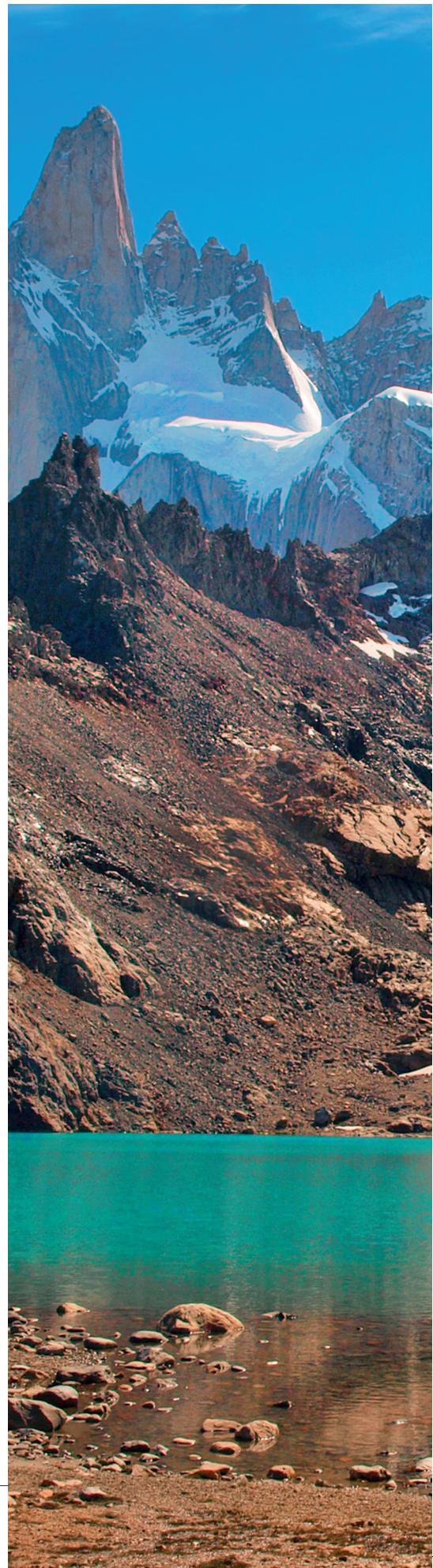
De volta à van, nem guarde a câmera: é provável que vários guanacos, parentes da lama, apareçam pelo caminho.

AS PRIMEIRAS VISTAS INCRÍVEIS

Depois de ziguezaguear por entre uma série de morros, uma das vistas mais belas do parque se des cortina repentinamente. É o Lago Pehoé, envolvido por braços de terra que parecem delimitar a coloração da água, ora turquesa, ora acinzentada. Para que todo mundo possa ver essas nuances de perto, ali é



FOTOS: SHUTTERSTOCK





Os pontiagudos picos nevados e o Lago Pehoé, junto do qual se instalou a graciosa *hostería* homônima (à esq.), no parque Torres del Paine, são vistos na excursão extra oferecida pelo navio



Os passageiros do Skorpios chegam bem perto do Glaciar Amália, seja a bordo do barco ou a pé

feita uma parada. Do mirante, também se avista a ilhotinha onde está a Hostería Pehoé, um chalé à beira do lago que foi a primeira hospedagem de Torres del Paine. Enquanto a *hostería* é pequenina e graciosa, dando ares de cenário suíço ao pedaço, o mais luxuoso hotel de Torres del Paine é o Rio Serrano, onde é servido o almoço. Só não exagere ao comer: depois dessa refeição, rola uma caminhada mais forte, cheia de subidas e descidas.

A trilha de cerca de meia hora culmina na Cueva del Milodón, caverna que teria servido de refúgio aos primeiros homens que habitaram a região. Dizem que o *milodón*, uma espécie de bicho-preguiça gigante (e extinto), também dava as caras ali há 12 mil anos, o que é lembrado por uma réplica do bicho em tamanho real. Hoje, os animais que frequentam aquelas bandas são os condores e outras aves, que sobrevoam os jardins floridos ao redor da caverna. Guarde a vista na memória: nos dias que virão, as paisagens serão completamente diferentes. E igualmente deslumbrantes.

CONFORTO NO GELO

A jornada rumo aos glaciares da Patagônia começa no fim da tarde das terças e sextas-feiras, entre outubro e abril. Como o Skorpios leva apenas 90 pessoas, bastam algumas horas para o clima entre passageiros e tripulação se tornar familiar.

As águas, por serem protegidas pelas montanhas, garantem que a embarcação deslize sem muito balanço. A calmaria é extremamente bem-vinda para o pessoal ficar horas a fio admirando os fiordes e as formações de pico nevado pelos janelões das cabines e do bar, visual que pode ser curtido até altas horas especialmente nos meses do verão, quando só escurece depois das 22h.

Já na primeira manhã a bordo, o chamado para o passeio inaugural se dá via alto-falante – ritual que se repete antes de todas as expedições oferecidas pelo Skorpios. É aí que os passageiros começam a embrulhar-se o quanto podem, com jaqueta reforçada, calça e bota impermeáveis, além de gorro e luvas.

Devidamente empacotados, todos rumam para os botes que levam



bem próximo ao Glaciar Amália, um paredão de gelo imponente que se estende por cerca de 21 km. A terra firme fica por conta de uma “praia” à frente da geleira, onde os viajantes caminham por trechos de areia, rocha e vegetação, até chegar à base do glaciar.

Ali, não tem quem não se surpreenda com as nuances de branco e azul que recobrem o Amália. Mas, mal o pessoal se impressiona com aquela grandiosidade toda, já vem mais uma surpresa: o estrondo de um pedaço de gelo se desprendendo do paredão. Os blocos se rompem com frequência por conta do aquecimento global, fazendo da Patagônia uma paisagem mutante: uma parte de gelo se solta aqui, a



água do mar se transforma em ondas acolá e, quando se vê, o cenário já não é mais o mesmo de minutos antes. Embora seja fascinante, o movimento preocupa: estima-se que, desde a metade do século 20, o Glaciar Amália já tenha diminuído cerca de 7 km.

Diante desse show, hipnotizados pela natureza, os passageiros quase esquecem de voltar ao navio. Só lembram que devem retornar à embarcação com o chamado dos guias, depois de duas horas de passeio.

A boa notícia é que o barco leva a outros glaciares tão exuberantes quanto o Amália. Um deles é o El Brujo. A visita segue a mesma linha do que foi feito no Amália: uso do bote para desembarcar, caminhada

e, claro, contemplação. A diferença é que, no El Brujo, não dá para chegar tão perto do paredão de gelo a pé. O *crème de la crème*, porém, se dá no retorno ao barco, que manobra até chegar a 400 metros da geleira. Parece muito, mas em termos das dimensões colossais das formações que emolduram a Patagônia, é quase como encostar o nariz no imenso maciço branco.

Para quem está sentindo falta de um pouco de “emoção”, o Skorpios responde com a expedição ao Fiorde Calvo, contornado por tantos blocos de gelo que a navegação parece ser em uma lagoa recém-descongelada. O passeio é em uma embarcação especial com uma espessa base de fer-

Além das geleiras azuladas, também é lindo ver animais marinhos durante as expedições

Fotos: Divulgação





Acima, o imponente Glaciar El Brujo e, à esq., rodada de uísque com gelo tirado da geleira



ro. Pudera: os pedaços de gelo que se chocam contra o casco do barco são tantos que chega a dar frio na barriga. Mas, depois de um tempo a bordo – e de algumas doses de uísque servidas com gelo retirado dos glaciares –, o baru-

lho já começa a soar divertido.

No terceiro e penúltimo dia de navegação, o *tour* pelo Canal Kirke também destoa um pouco dos outros. Já mais perto do continente do que dos glaciares, nesse passeio em bote pelo braço de mar, um ou outro leão-marinho pode ser visto ao longe enquanto os cormorões dominam o cenário. Eles dividem as atenções com os guias, que vão contando a história dos índios kaweskars, tribo navegante que ainda hoje vive na gélida Patagônia – e dá nome a essa rota do Skorpions.



O restaurante do Skorpions serve pratos chilenos caprichados, como *ceviches*

COMIDA CHILENA

Entre uma expedição e outra, as refeições no navio são daquelas para ninguém botar defeito. As mesas se enchem de iguarias típicas, como *ceviches*, carne de cordeiro, frutos do mar e *empanadas*, tudo acompanhado por um rótulo diferente de vinho tinto e branco por dia. À tarde, não dá nem tempo de sentir fome. O chá é servido por volta das 16h, ao passo que petiscos, canapés e drinques, como o famoso *pisco sour*, podem ser degustados no bar a qualquer momento.

Só não esqueça de reservar espaço para o jantar do capitão, na última noite. É um banquete completo, seguido por uma singela festa embalada por *hits* latinos. Na manhã seguinte, o Skorpions III volta a Puerto Natales e deixa na memória dos 90 felizardos passageiros o fascínio de se descobrir com mordomia os cenários gelados da Patagônia. 



A repórter Ana Luísa Vieira viajou a convite dos Cruzeiros Skorpions e do Hotel Cumbres Lastarria